


**O CORPOLÍTICO EM PERFORMANCE: UM RELATÓRIO DE PÓS
DOUTORADO NO FORTALECIMENTO DOS EIXOS ENSINO, PESQUISA E
EXTENSÃO**

**CORPOLÍTICO IN PERFORMANCE: A POSTDOCTORAL REPORT ON
STRENGTHENING THE AXES OF TEACHING, RESEARCH AND EXTENSION**

**CORPOLÍTICO EN DESEMPEÑO: UN INFORME POSTDOCTORAL SOBRE EL
FORTALECIMIENTO DE LOS EJES DE DOCENCIA, INVESTIGACIÓN Y
EXTENSIÓN**

 <https://doi.org/10.56238/arev7n7-361>

Data de submissão: 30/06/2025

Data de publicação: 30/07/2025

Luciana Leandro de Lucena

Doutora em Artes Cênicas no Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas
Instituição: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

Endereço: Bahia, Brasil

E-mail: lucdelucena@gmail.com

RESUMO

Este artigo apresenta o relatório de uma pesquisa de pós-doutorado desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Difusão do Conhecimento da UFBA, entre 2023 e 2024. O percurso explorou o conceito de “Corpolítico” como ferramenta artístico-pedagógica que propõe enfrentamentos poéticos e decoloniais às formas hegemônicas de produção do conhecimento. A pesquisa utilizou como metodologia práticas ancestrais, além de oficinas para desenvolver performances artísticas a partir de memórias e afetos, fortalecendo os elos entre ensino, pesquisa e extensão. O artigo enfatiza a importância de unir teoria e prática, utilizando métodos artísticos e epistemologias decoloniais para criar fissuras no sistema hegemônico de produção de conhecimento.

Palavras-chave: Corpolítico. Pesquisa em Artes. Decolonialidade. Tecnologias Ancestrais. Pós-Doutorado.

ABSTRACT

This article presents the report of a postdoctoral research project developed in the Graduate Program in Knowledge Dissemination at UFBA, between 2023 and 2024. The project explored the concept of "Corpolítico" (Corpopolitic) as an artistic-pedagogical tool that proposes poetic and decolonial confrontations with hegemonic forms of knowledge production. The research used ancestral practices as a methodology, as well as workshops to develop artistic performances based on memories and affections, strengthening the links between teaching, research, and outreach. The article emphasizes the importance of uniting theory and practice, using artistic methods and decolonial epistemologies to create fissures in the hegemonic system of knowledge production.

Keywords: Corpolítico. Arts Research. Decoloniality. Ancestral Technologies. Postdoctoral Studies.

RESUMEN

Este artículo presenta el informe de un proyecto de investigación posdoctoral desarrollado en el Programa de Posgrado en Difusión del Conocimiento de la UFBA, entre 2023 y 2024. El proyecto

exploró el concepto de "Corpolítico" como herramienta artístico-pedagógica que propone confrontaciones poéticas y decoloniales con las formas hegemónicas de producción de conocimiento. La investigación empleó prácticas ancestrales como metodología, así como talleres para desarrollar performances artísticas basadas en memorias y afectos, fortaleciendo los vínculos entre docencia, investigación y extensión. El artículo enfatiza la importancia de unir teoría y práctica, utilizando métodos artísticos y epistemologías decoloniales para crear fisuras en el sistema hegemónico de producción de conocimiento.

Palabras clave: Corpolítico. Investigación en Artes. Decolonialidad. Tecnologías Ancestrales. Estudios Posdoctorales.

1 INTRODUÇÃO

Proponho com esta escrita-relatório apresentar os processos da pesquisa intitulada “O corpolítico em performance”, junto ao Programa de Pós Graduação em Difusão do Conhecimento (PPGDC / UFBA, 2023-2024) como forma de destacar a importância do intercâmbio entre ensino, pesquisa e extensão nos processos artístico-pedagógicos que se projetam como ferramentas de enfrentamentos à produção de saberes colonizados num sistema hegemônico de poder.

As atividades programadas em cronograma e realizadas no ínterim da pesquisa foram conduzidas, portanto, através dos eixos : ensino, pesquisa e extensão, a partir de atividades de oficina com estudantes, leituras e anotações bibliográficas (individuais e em grupo de pesquisa), participação como docente em aulas da Pós Graduação neste programa e escrita e publicação de artigo.

Cabe uma primeira consideração de que o projeto inicial chamava-se “Cartografias da pele – Memórias e afetos em Performances Corpoéticas” e sofreu uma alteração uma vez que, previa laboratórios com a técnica de foto-projeção de imagens nos corpos, mas não obteve recursos financeiros, embora aprovado e classificado sob recomendação no edital N. 01/202 do Programa de Apoio à Fixação de Jovens Doutores no Estado da Bahia. Assim sendo, o projeto foi remodelado a partir das possibilidades de concretização e das oportunidades de atuação junto ao Programa que o aprovou. A diferença principal foi o fato reduzir a extensão do processo performativo, que tinha previsão de duração de dois semestres para uma pequena oficina, que aconteceu em dois dias, com um grupo reduzido de sete estudantes . Por outro lado, se a técnica da foto-projeção não pode ser realizada em função de indisponibilidade de recursos, a alternativa preciosa de que a pesquisa lançou mão foi referenciar tecnologias ancestrais no percurso das performances orais, a exemplo da contação de histórias e da pedagogia guarani, amparada no uso das angás-mirins, de que trata o escritor/ambientalista JECUPÉ (2020) . Desta forma, o processo performativo, que seria o fio condutor da pesquisa, tornou-se mais um entre os eixos de atuação com os quais tive oportunidade de dialogar: pesquisa, ensino e extensão, fortalecendo a proposta inicial do conceito do Corpolítico enquanto ferramenta pratico-conceitual de enfrentamento e insurreição poética.

1.1 O CONCEITO COMO FERRAMENTA ARTÍSTICO-PEDAGÓGICA E AS TECNOLOGIAS ANCESTRAIS

Neste sentido, vale trazer este conceito de Corpolítico (LUCENA, 2022) sob o qual comecei a me debruçar a partir da pesquisa de Doutorado (PPGAC/UNIRIO, 2018-2022). Conceituar é a possibilidade de criar mundos, diálogos e possibilidades.

Este conceito do Corpolítico busca trazer uma ideia híbrida, que não é corpo, não é política, não é a unidade deste corpo com a política, mas a possibilidade do encontro entre ambos. Um lugar, portanto, de fricção de saberes e percepções plurais.

E proponho este conceito no âmbito dos processos criativos em performances de corpo-voz, atuando, conseqüentemente, na materialidade da ação, em proposição, atravessamentos e (r)existência. Atuar com o corpolítico é buscar uma articulação do fazer-saber, num pacto com o devir de um processo contínuo de decolonialidade e afirmação do nosso corpo-voz silenciado ao longo de séculos de colonialidade.

Nomear a partir da tradição dos povos originários tem o poder de proteger ou destruir. Tem o poder de criar mundos: “O poder de uma palavra na boca é o mesmo de uma flecha no arco” (JECUPÉ, 2020. p. 16). Trabalhar as potências de um conceito é tê-lo como diálogo possível na afirmação de subjetividades nascidas dos afetos que nos atravessam. Um conceito que crie mundos a partir do agenciamento coletivo de enunciação corpórea em suas percepções e potencialidades é uma forma de resistir em subjetividades.

Pensar este conceito veio da necessidade de entender este corpo que se expande em seus processos de criação a partir do que o afeta. A cartografia do saber é um mapeamento fundamental para os meandros do fazer. Enquanto artista-pesquisadora demorei, significativamente, a tomar consciência sobre o que causava o bloqueio de pensamento sobre minhas propostas criativas. O que ocorria era que os conceitos que eu buscava para articular as proposições de uma pretensa materialidade criativa não criavam correspondências com o corpo criador (o que atravessa questões de identidade de gênero, de raça, de território). É imprescindível que o conceito se articule com o chão onde se pisa. Assim, falamos de corpos e do lugar onde se existe e fora do qual não haverá voz autêntica senão uma reprodução inconsistente de vozes estrangeiras. A proposta, então, é a busca por acessar saberes que nos atravessem pelo afeto.

Atuamos, assim, com um conceito-ferramenta, aberto à articulação de micropolíticas capazes de acessar o cotidiano como sustentáculo e garantia de nossas experiências e subjetividades. Neste sentido foi proposta a oficina “Cartografias da Pele – Memórias e afetos” como uma forma sutil de abordagem de performances sensíveis, possíveis, em que corpos se encontram no acontecimento da política dos afetos, insistindo na resistência de algo que subjaz aos desejos pré-fabricados e talhados numa colonialidade sistêmica e aparentemente irrefutável. Esta prática não pretendeu provar a existência-pertinência-viabilidade do corpolítico porque esta pesquisa não seguiu os moldes cartesianos em que uma tese precisa comprovar suas hipóteses ou descartá-las. Mas a oficina veio

enquanto ação: um acontecimento performático circunscrito num movimento de construção e afirmação das subjetividades, através de memórias do próprio corpo.

E aqui passo a comentar um pouco sobre a tecnologia ancestral das angás-mirins como ferramenta para a *afinação dos corpos*, enquanto pedagogia guarani, de que trata, JECUPÉ (2020). A inspiração na ancestralidade dos povos originários conduz, nesta investigação, o processo de contra-colonialidade de saberes conclamados como “possibilidade de uma convivência mais harmoniosa entre os diversos povos e sua confluência de interlocução” (SANTOS, 2015, p. 19). O interesse por esta ancestralidade invisibilizada por um processo colonizatório se inscreve numa abordagem artística que nos convida a “desaprender” padrões epistemológicos, buscando nossas referências de conhecimento, nosso estado de festa e jogo como alternativa a um modelo de vida capitalístico.

Assim, na oficina “Cartografias da Pele – Memória e Afetos”, aconteceu no âmbito da extensão universitária, vinculada ao IAHC (Instituto de Artes, Humanidades e Ciências) ao PPGDC (Programa de Pós-Graduação em Difusão do Conhecimento) da UFBA (universidade Federal da Bahia), na Sala do Corpo (103), no PAF 5, no campus de Ondina (Salvador-BA), nos dias 05 e 12 de maio de 2023, das 15h às 18h, perfazendo um total de 6h e ocorreu com a participação de estudantes do BI em Artes. O fio condutor da oficina era a criação de performances artísticas que materializassem as histórias que a pele conta (através de tatuagens ou cicatrizes) e fossem contadas entre palavras e silêncios dos participantes. Para atuarmos no âmbito da palavra falada, lancei mão da “Afinação dos Corpos” que bebe na sabedoria ancestral dos povos Guarani e entende o corpo como um instrumento que precisa ser afinado para transmitir a sabedoria da alma, o *ayvu*. Como nos conta este autor indígena, que divulga em seus trabalhos e contações as tradições de seu povo, para os Tupuguaçu - de onde descendem os povos Tupinambá e Tupy-guarani - o espírito está para a música (fala sagrada, *ñe'ẽ -porã*), assim como o corpo está para uma flauta (*u'mbau*), que deve estar afinada para expressar o *avá* (ser-luz-som-música) que tem morada no coração. E a proposta desta “Afinação” se dá através da vibração dos sete *angá-mirins* (as vogais) no corpo físico, que transmitem o *ayvu*.

Jecupé (2020) explica o que venha a ser *angá mirim* para os Guarani: Compreendendo o ser um *tu-py*, um som-de-pé, os antigos afinavam o espírito a partir dos tons essenciais do ser, tons que participam de todos os seres. Os tons essenciais que formam o espírito são o que a civilização reconhece como “vogal”. Cada vogal vibra numa nota do espírito que os ancestrais chamavam de *angá mirim*, que comportava o *ayvu*, estruturando o corpo físico. São sete tons, e quatro deles referem-se aos elementos terra, água, fogo e ar, coordenando a parte física, emocional, sentimental e psíquica do ser. E três desses sons referem-se à parte espiritual do ser. Eis os tons *j* (uma espécie de “u” pronunciado guturalmente), *u* (vibrando da mesma maneira que o “u” da língua portuguesa), *o*, *a*, *e*, *i* (vibrando da mesma maneira

que na língua portuguesa) e, por último, o som “insonoro”, que não se pronuncia, mas que, na antiga língua abanhaenga, mãe da prototupi, se pronunciava unindo aproximadamente os sons mudos de *mb*, gerando palavras como *Mbaekuaa*, *Mboray* (“sabedoria” e “amor”, respectivamente). (Jecupé, 2020, p. 33-34).

Proposta, portanto, a “afinação” a partir das angá-mirins, utilizamos de jogos de contato-improvisação que auxiliavam o corpo-voz criador a materializar suas histórias nos corpos dos participantes que, ora atuavam e duplas, ora em composições coletivas. Libertar a palavra que conta histórias, o grito e mesmo o silêncio é fissurar um sistema de ações e comportamentos pré-estabelecidos.

Durante a oficina, aconteceram rodas de conversas que nutriram o fazer criativo com o saber da tecnologia ancestral que buscamos acessar.

Ao passo que as imagens de tatuagens e suas memórias eram desenhadas e materializadas nos corpos na a criação das performances, seguimos com rodas de conversas que articulavam a prática ao pensamento. Neste sentido, e na busca por desmistificar conceitos-tabus que nossa cultura nos lança, as conversas foram ancoradas na ideia trazida por Andrade (1928), no Movimento Antropófago com a transmutação de valores, na “transformação permanente do tabu em totem”. Sugerimos então a criação de partituras que contassem memórias de uma pele que precisa estar situada no tempo-espço da trajetória política dos corpos em seus recortes de raça, gênero e etnia, sob pena de reproduzirmos o equívoco e/ou displicência de perpetuarmos ideias excludentes e acríticas que seguem invisibilizando vozes em sua colonialidade estrutural.

Apostamos no processo artístico-pedagógico que mesclou abordagens práticas e teóricas, movendo ações disruptivas nos corpos, criando fissuras neste sistema de colonialidade. Apostamos que a crítica social, política e filosófica sobre os nossos processos artísticos permite a construção de uma autonomia criadora e, conseqüentemente, a construção de subjetividades ativas.

Não é raro que as artes da cena tendam a assumir uma linguagem hermética que reduz seu acesso a uma categoria de iniciados. Por isso, nossa proposta buscou pares entre pessoas dispostas a criar, contar suas histórias e trocar saberes plurais, expandindo experiências e criando uma consciência crítica. Tivemos um total de sete estudantes do BI (Bacharelado Interdisciplinar de Artes da UFBA) que se inscreveram e participaram da oficina “Cartografias da pele – afetos e memórias”, um projeto conduzido por uma proposta transdisciplinar de pensamento-ação decolonial na elaboração de performances artísticas emancipatórias.

2 A PESQUISA DE GRUPO COMO CELEIRO DE PRODUÇÕES DECOLONIAIS

Trago a importância da atuação junto ao Grupo de Pesquisa e Extensão CLiPES, do qual eu já fazia parte desde 2022, entretanto, a partir de 2023, assumi a coordenação da linha de pesquisa “Estudos Decoloniais” desenvolvida a partir de encontros, leituras e diálogos sob perspectivas críticas e criativas, de desconstrução da colonialidade do saber, do poder e do ser (antiracistas, feministas, ecologistas, da diversidade sexual, latinoamericanas, africanas, asiáticas, entre outras).

O CLiPES está disposto como um grupo multidisciplinar que reúne pesquisadores a partir de investigações e atividades de extensão interdisciplinares e transdisciplinares em torno de temas relativos a corpo, linguagem, política, educação e subjetividade, em busca das conexões possíveis entre questões críticas e criativas relativas a esses temas. Está vinculado à Linha de Pesquisa em Cultura e Conhecimento do Doutorado Multi-institucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento (UFBA, IFBA, UNEB, UEFS, LNCC e CIMANTEC). Também se vincula ao Mestrado Interdisciplinar em Humanidades da UNILAB, particularmente à Linha de Pesquisa Educação, Política e Linguagens.

Já que Clipes servem para anexar, a proposta do grupo é a criação de conexões, que possam criar nexos entre conceitos, ideias, perspectivas, abordagens, métodos, âmbitos e campos de pesquisa que tornam possíveis conexões entre projetos, propostas e programas.

Nesta ação de clipar, conectamos saberes, que podem criar nexos entre questões relativas aos corpos, à linguagens, às políticas, à educação e às subjetividades.

Foi a partir da atuação junto ao grupo e após a conclusão do Doutorado (PPGAC/UNIRIO – 2022) que surgiu a vontade de propor um processo artístico-pedagógico, no âmbito da extensão, em que pudéssemos engendrar ações referenciadas numa pedagogia decolonial e afetiva, que acessasse memória e ancestralidade. Assim surgiu a ideia do projeto “Cartografias da pele – Memórias e Afetos em Performances Corpoéticas”, que, conforme já aqui relatado, sofreu alterações e foi aceito como Projeto de Pesquisa em Pós-Doutoramento. O grupo CLiPES, portanto, foi fundamental no âmbito da pesquisa, com leituras específicas, a partir do recorte da decolonialidade do fazer-saber que foi trazido na proposta da pesquisa, o que traz remonta à ideia da pesquisa em artes como uma cartografia de saberes-fazeres em contínua proposição.

3 O ENSINO COMO DESDOBRAMENTO DA PESQUISA

Como desdobramento da pesquisa, realizada com a oficina no primeiro semestre de 2023, a convite do meu supervisor, o Professor Ivan Maia, pude participar enquanto docente na componente “Sociedade, Cultura, Estética e Conhecimento” no Doutorado em Difusão do conhecimento

(PPGDC/UFBA), ministrando aulas coletivamente com ele e com o também Professor André Telles do Nascimento (UNILAB-CE), quando criamos um Programa de Curso dividido em quatro unidades, das quais participamos conjuntamente. A componente foi ministrada no segundo semestre de 2023, integrando o eixo Ensino do projeto.

Anexo a seguir o Programa do Curso porque tivemos a alegria de orquestrar nossas pesquisas e estudos numa atuação cheia de sincronicidade e dinamismo que, atribuo, à participação no Grupo CLiPES, que atuou e atua como celeiro de ideias e ações por um fazer saber decolonial:

PROGRAMA DO CURSO:

- (15/08) Aula inaugural: Apresentação do Programa do Curso, dos docentes e discentes.
- UNIDADE I – SOCIEDADE: CAPITALISMO E PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADE
- (22/08) 1.1 – Sociedade Disciplinar, Biopolítica, Necropolítica, Sociedade de Controle: Modelizações da Subjetividade (Ivan)
- (29/08) 1.2 - Produção do desejo (Luciana)
- (05/09) 1.3- Performance, poética e crítica social (André)
- UNIDADE II – CULTURA: MICROPOLÍTICA E ARTE
- (12/09) 2.1 – A produção de subjetividade singular como micropolítica ativa (Ivan)
- (19/09) 2.2 - Macro e micropolítica nos processos criativos decoloniais
- (26/09) 2.3 - Contracultura, arte e ação política
- UNIDADE III – ESTÉTICAS: POÉTICAS E DESCOLONIZAÇÃO
- (03/10) 3.1 – Poética e filosofia da descolonização antropofágica (Ivan)
- (10/10) 3.2 - Vozes e epistemologias decoloniais
- (17/10) 3.3 - Geografias, poéticas e políticas de descolonização
- UNIDADE IV – CONHECIMENTO: APROPRIAÇÃO E CRIAÇÃO
- (24/10) 4.1 – A perspectiva corpoética antropofágica de criação (Ivan)
- (31/10) 4.2 - Reverências em pesquisa-ação
- (07/11) 4.3 - Poesia corporalmente compartilhada e (contra)pedagogias
- (14/11) Seminários discentes I
- (21/11) Seminários discentes II

Importante destacar que os três docentes participávamos de todas as aulas conjuntamente, o que pode enriquecer a troca de ideias, o debate e os encontros.

Vale mencionar que, sob o eixo da pesquisa, tive a oportunidade de integrar a comissão organizadora e revisora da coletânea "Corpos, Poéticas e Descolonizações", do Grupo de Pesquisa

CLiPES, juntamente com o supervisor Ivan Maia de Mello e a professora Raquel Rodrigues Rocha (IHAC/UFBA), coordenadora da Linha 2 do grupo, referente aos “Estudos do Corpo”. O processo de revisões para a publicação segue em vias apreciação institucional, com financiamento aprovado no Edital para uso do recurso PROAP 2021 do PPGDC, publicado em 26/10/2021.

Participei do VI Colóquio Internacional de Saberes e Práticas, realizado na FAGED da UFBA, entre 4 e 7 de dezembro de 2023, na mesa temática XII – Apresentação de Saberes e Práticas em Arte. Acompanhada do supervisor desta pesquisa e dos pesquisadoras Raquel Rocha e André Telles do Rosário, apresentando desdobramentos dos projetos de laboratórios e investigações desenvolvidas durante o doutoramento, sob o título “Vocalidades em processos artísticos decoloniais”, numa percepção do conceito de vocalidade como lugar de referência, e consequentemente, de criação nos processos artístico-pedagógicos no sentido da afirmação de subjetividades ativas. Para tal, pude acessar a pedagogia guarani, sobre a qual tenho me debruçado e que, como já mencionado, tenho referenciado em processos criativos.

Houve a elaboração conjunta do artigo “A perspectiva antropofágica dos processos criativos” com meu supervisor, Ivan Maia de Mello (IHAC/PPGDC-UFBA), sobre a percepção antropofágica, ponto este de principal conexão com sua pesquisa sobre a Corpoética (2020). O artigo discorre sobre a apropriação crítica e transformadora das componente de criação em processos artísticos e na produção de subjetividades e foi publicado no v. 16, n. 12, p. 31379-31393 da revista *Contribuciones a Las Ciencias Sociales*, ISSN 1988-7833, sob o DOI: <https://doi.org/10.55905/revconv.16n.12-139>.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quero destacar a importância da escrita e publicação deste relatório de atividades no correr do Pós Doutorado, não apenas porque penso que possa colaborar com demais pesquisadores que estejam tentando trilhar esta trajetória como, principalmente, que possa destacar a importância de que pesquisa, ensino e extensão estejam em recíproco e contínuo atravessamento, de modo a fortalecer seus elos, criando fissuras numa produção de conhecimento que alude a um modelo hegemônico que separa teoria e prática, ação e pensamento e, muitas vezes, encastela os saberes acadêmicos. A partir do diálogo e da exposição da caminhada, acredito contribuir com processos artístico-pedagógicos que mesquem abordagens prático-teóricas e sejam capazes de mover ações disruptivas nos corpos, criando fissuras neste sistema colonial. Acreditamos que a crítica social, política e filosófica sobre os nossos processos artísticos permite a construção de uma autonomia criadora e, consequentemente, a construção de subjetividades ativas.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Oswald de. Manifesto Antropófago. In: **Revista de Antropofagia**. Reedição da Revista Literária publicada em São Paulo – 1ª e 2ª edições – 1928- 1929. São Paulo: CLY, 1976. p. 3;7.

JECUPÉ, K. **A terra dos mil povos**: história indígena do Brasil contada por um índio. São Paulo, Peirópolis, 2020.

LUCENA, L. **O Corpólitico: Performances em isolamento**. Tese de Doutorado (PPGAC/UNIRIO). Rio de Janeiro, 2022.

MELLO, I. **Corpoema**: a vida como obra de arte. Curitiba: Appris, 2020.

ROLNIK, Suely. **Esferas da Insurreição**: notas para uma vida não chulada. Lisboa: Sistema Solar, 2020.

ROLNIK, S. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Sulinas, 2011.

SANTOS, A. **Colonização, quilombo**: modos e significados. Brasília. UNB, 2015.